

SUSANNE LEINEMANN

Louca pra Casar

Romance





Capítulo I

EM ALGUNS INSTANTES, vamos parar um em frente ao outro e nos beijar. Nessa brisa fresca de fim de verão, em plena avenida a caminho do apartamento dele.

A esta hora, quase não passam mais carros. Os primeiros pássaros da manhã já estão acordados e trinam tão alto como se fossem pagos para isso. No horizonte, é possível pressentir o alvorecer do dia, e a sacola da loja de conveniências crepita em suas mãos. O café da manhã já foi providenciado.

Enfim, ele coloca o braço no meu quadril e gira comigo sobre o asfalto, experiente como um dançarino em uma competição de dança, fazendo os edifícios ao redor de nós girarem também. Os lábios se aproximam, posso sentir o calor de sua respiração. Poderia ser um momento perfeito.

Infelizmente, não tenho ideia de como esse cara se chama.

Tenho uma vaga lembrança de um nome curto e comum. Frank, Peter, algo assim. Martini também seria um bom nome, combinaria com o tanto que ele bebeu hoje à noite no bar, à beira do rio. Seguindo o raciocínio, meu

nome seria senhorita Daiquiri de Morango. Então, em uma agradável noite de verão, o Sr. Martini e a Sra. Daiquiri se conhecem em um bar à beira do Rio Spree, bebem alguns drinques juntos, começam a flertar e agora cambaleiam para a casa de Martini para terminar a noite. Como isso soa discreto. Na verdade, o que está prestes a acontecer no apartamento dele já entra na categoria da indiscrição.

Quando se considera a possibilidade de ir para a cama com alguém, não seria apropriado saber ao menos como a pessoa se chama? Não precisa saber o sobrenome, isso já seria um exagero. Mas o primeiro nome é obrigação mínima. Será que já cheguei ao ponto de transar com um sem-nome?

É bem provável que ele tenha feito uma breve apresentação. O meu medo é que isso tenha acontecido enquanto eu estava agachada debaixo da espreguiçadeira, procurando o guarda-chuvinha azul-claro do meu coquetel. Lembro-me vagamente de levantar e murmurar: “Meu nome é Nina”. E, ao que parece, essa foi nossa apresentação oficial.

Todo esse fluxo de pensamento deve ter feito com que eu recuasse um pouco. Com a mão suave, porém firme, ele me puxa pelo queixo e nós nos beijamos.

Um bom beijo. Não, um beijo realmente bom. É preciso dizer que não é a primeira vez que fazemos isso. Visto sob o aspecto esportivo, estamos em forma.

Agora ele está pronunciando meu nome ao céu, que vai se despedindo da noite: “Nina, Nina, Nina, tão linda”. Definitivamente, já é muito tarde para perguntar como ele se chama. Com sorte, vou poder ler seu nome na porta do edifício.

Mas se eu estiver com azar, vai estar escrito apenas F. Martini. Aí, posso recorrer ao jargão dos socialistas de 1968 e dizer: “Companheiro, vamos tomar um café da ma-

nhã?”, ou tratá-lo como um amigo: “Ei, cara. Tem café em casa?”. As duas opções parecem horríveis.

Não quero passar uma impressão errada. Não faço isso com frequência, quer dizer, sair do bar depois de beber a noite inteira com um cara que nem conheço direito para transar com ele. Não sou nenhuma ordinária nem uma imitação estúpida de mulheres das revistas fúteis. Na casa dos trinta, estou longe da confusão da puberdade. Digamos que sou apenas uma mulher com necessidades.

Além disso, esse homem é muito, muito atraente. E a conversa também é interessante. Por que não me dar ao luxo?

O que me desencanta é o fato de o desconhecido ao meu lado não mostrar qualquer sinal de insegurança. Todos os movimentos dele caem como uma luva. Nesse meio-tempo, ele me prendeu sob os braços com facilidade, como fazia o cantor Pete Doherty com a pobre Kate Moss nas fotos de divulgação do casal que corriam o mundo. Dependente dele e viciada em drogas, sempre a imagino como um passarinho desnortado, caído do ninho.

Toda essa experiência está começando a me deixar preocupada. Será que ele é um mulherengo profissional? Os olhos não estarão brilhando apenas pela excitação da caçada? Agora, o olhar dele está tampado pelos cabelos longos e escuros, quase pretos. Talvez seja o nariz levemente curvado que me lembre de uma ave de rapina. Ele é muito bonito, corpo atlético, e veste um casaco azul-escuro de comprimento médio, com botões. E ele sabe muito bem como usar esses atrativos.

Oh, meu Deus, acho que ele vai me levar para cama.

Até poucos meses atrás, nem imaginava que um pensamento desses pudesse passar pela minha cabeça. Até en-

tão, tinha a certeza de que eu transava com quem eu quisesse. Que uma mulher como eu não poderia ser levada para a cama, porque eu decidia quem podia se aproximar de mim. Em termos de relacionamentos, pensava que tinha o controle nas mãos. Mas então minha irmã mais velha precisou se casar, e me demonstrar como a vida pode ser desoladora quando a gente se ilude com alguma ideia por muito tempo.

Bete sempre foi meu maior exemplo. Eu sempre a segui, como um pequeno meteorito segue o rastro brilhante de um cometa. Vim atrás dela até esta grande cidade, na qual ela se estabeleceu primeiro. Eu me mudei para cá em seguida. Ela era para mim simplesmente a mulher mais bacana do mundo, eu adorava ficar perto dela.

Como posso explicar? Bete possuía uma aura especial. Quando entrava em algum lugar, e podia ser na balada mais disputada da cidade, era como se uma leve brisa tomasse o recinto. Todos os olhares a acompanhavam. Ela atravessava o espaço com uma superioridade inata, mas sua figura tinha também uma leve imperfeição, responsável por tornar um ser humano misterioso e inesquecível. O tom de loiro um pouco desbotado, o nariz um pouco comprido demais, as maçãs do rosto estranhamente altas.

Durante as primeiras três décadas de vida, minha irmã tinha o mundo aos seus pés. Ela podia ter tudo e todos, mas nunca se contentava. Abandonava homens e empregos, empregos e homens, um após o outro. E, de repente, do dia para a noite, Bete perdeu o brilho e o carisma, parecia cansada e envelhecida. O loiro desbotado estava cada vez mais opaco, até um pouco descuidado. Logo, ela mesma também percebeu que algo tinha mudado. O medo a fez entender isso. No seu último aniversário, quando completou quarenta anos, decidiu traçar rápido

um novo objetivo e encontrar um homem com quem pudesse construir uma família.

Agora, ela se chama Sra. Pritzel, está grávida e em breve será mãe de meninos gêmeos univitelinos, gerados com a ajuda de um tratamento hormonal. Esses tratamentos são um pesadelo! Até ficar grávida, a cozinha dela parecia um consultório médico. Por todo o lado havia agulhas, ampolas e lenços desinfectantes. Não era mais possível tomar um cafezinho ali.

Há alguns dias, quando vi minha irmã na fila de uma bilheteria, com a barriga visivelmente esférica e o marido ao lado — Rüdiger, um homem que em outros tempos nunca mereceria a atenção dela —, prometi a mim mesma nunca chegar a essa situação fatal. Jogar no lixo um amante mais maravilhoso do que o outro para, no fim das contas, passar o resto da vida com um sujeito que em tempo algum estaria à minha altura. Como os homens se esforçavam para conquistá-la, e como ela os deixava padecer, de braços abertos! Mas, como minha irmã finalmente queria ir direto ao ponto, já que se tratava de formar uma família, foram todos dispensados; todos, exceto um patético e deprimido professor de escola técnica, que vestiu um fraque usado no próprio casamento. Não por motivos financeiros. Por princípio!

Mas no que meu comportamento é diferente do da minha irmã? Eu mesma passo longe de relacionamentos sérios. Em vez disso, começo namoricos curtos um atrás do outro, sem significado e sem juízo. Por exemplo, o que estou fazendo aqui, de madrugada e no meio da rua, aos beijos com esse cara bonitão? Um cara de quem não sei nada, absolutamente nada? Nem a idade, nem a profissão, nem ao mesmo o primeiro nome! Só sei que ele imita com perfeição o marido reprimido pela esposa megera (um per-

sonagem de um *sitcom* japonês chamado *Oni-yome Nikki*), e também sabe cantar inteirinho o hino da Moldávia.

Isso poderia demonstrar algum conhecimento do mundo e servir bem para impressionar mulheres como eu, mas não era o suficiente para construir um futuro juntos. Eu não deveria me iludir. É o que sempre acontece. Bonito, fácil, engraçado e sem nenhuma responsabilidade. Sinto que com o Sr. Martini vai ser apenas diversão. Depois de tantos anos, desenvolvi uma intuição sismográfica para essas coisas.

A mão dele revolve os meus cabelos, o gesto parece carinhoso. Ele beija a curva do meu pescoço e sussurra: “Pescoço de cisne”.

Pescoço de cisne é bonito. Ainda não tinha ouvido essa. Mas é bonito o suficiente para me fazer esquecer esses pensamentos e simplesmente me deixar levar? Só desta vez?

Ele dá um passo à frente, segura firme minha mão e me puxa atrás dele como uma mula teimosa. Ele está sentindo minha hesitação, mas não me solta, não quer me perder. Sou o troféu da noite.

Agora, ele se vira para mim. O cigarro pende sobe-rano do canto direito da boca. Sinto uma fisgada; ele é tão bonito. Tão másculo.

— O que foi?

— Para onde vamos, afinal? — pergunto, o mais casual possível. Não vou soar alarmada agora.

Ele sorri.

— Isso está incomodando você, minha rainha? Está com medo de ser arrastada para um barraco? Não se preocupe, meu apartamento está de acordo. Edifício antigo, 120 metros quadrados, com visão panorâmica da cidade e um grande terraço na cobertura.

Caramba, uma cobertura. Um verdadeiro abatedouro de mulheres.

Não é necessário ver uma cobertura dessas para saber como elas são por dentro. A cama é tão gigante, que comporta com folga uma farra com todas as coelhinhas de meia temporada da *Playboy*. Apesar disso, o sujeito deve ter apenas um travesseiro e um cobertor. Porque ninguém precisa de um segundo travesseiro para transar, e ele não espera que nenhuma mulher passe as noites lá. Se, apesar disso, eu me aventurar a ficar até de manhã (com a cabeça sobre uma almofada e o corpo sob um cobertor velho de lã, que ele encontrou em algum lugar), tenho certeza de que a sofisticada e caríssima máquina de café expresso vai demorar um século para produzir a segunda xícara enquanto ele toma a primeira. Apartamento de solteiro!

Na verdade, deve-se evitar a qualquer custo tomar café da manhã com caras que têm coberturas. Eles só convidam as mulheres para que possam discretamente misturar a “pílula do dia seguinte” em seu cereal. Mesmo depois de terem usado duas camisinhas na noite anterior.

Paramos. Ele estica o braço para o alto na frente de um edifício antigo cor-de-rosa. Lá em cima, com janelas panorâmicas enormes, iluminadas por uma luz quente e fraca, está o maldito apartamento na cobertura. É possível distinguir os contornos de uma bicicleta ergométrica e da provável televisão gigantesca de tela plana.

Fecho os olhos e vejo o filme do nosso curto futuro.

O início é arrebatador — beijos, abraços, corpos se devorando. Então, depois de um breve período, os primeiros sinais de desinteresse. Algumas semanas depois, ele não me recebe mais na porta quando o visito, e prefere ficar sentado no sofá, vendo futebol, basquete, golfe ou qualquer coisa do tipo, como sempre. Vejo como, de repente, preciso

eu mesma pegar a cerveja da geladeira de aço escovado, caríssima e de alto desempenho, sempre vazia, com exceção de bebidas alcoólicas e dois tubos de mostarda. Como preciso afastar a roupa suja sobre o sofá de grife para encontrar um lugar ao lado dele, enquanto ele continua vidrado no jogo. Como o sexo se torna cada vez mais rápido e mecânico. Como um dia decidimos que a relação não vai a lugar nenhum. E então, na última cena, me vejo chorando e correndo pela porta do edifício rosa, o mesmo que vejo agora na minha frente.

A verdade é que já não quero mais passar por esses constantes fins de relacionamento. Não tenho mais forças para investir o menor esforço em um homem que não deseja se comprometer. E, com um homem como o Sr. Martini, a história termina no momento em que começa.

O Sr. Martini é como a última dose de uma longa série de tequilas, que é melhor não tomar para não dar com a cara no chão. Estou admirada com o fato de que eu, aos 35 anos, esteja sentindo pela primeira vez alguma expectativa. Quero alguma coisa desse homem, e não é somente sexo. Por que deveria ir para a cama com o Sr. Martini, se já sei de antemão que não vai dar em nada? Fazendo as contas, devo admitir que já dormi com muitos caras assim. Não me lamento, mas agora estou repetindo isso pela enésima vez. Não preciso mais desse tipo de experiência.

Ao abrir novamente os olhos, percebo que coloquei minhas mãos no rosto dele. Tem um pouco de barba no queixo e nas laterais da face. O suficiente para pegar com a mão. Pela última vez, dou-lhe um beijo longo e prazeroso. Ele me olha surpreso, deve ter sentido o gosto da despedida.

— É melhor eu ir agora. Isso entre nós dois não tem futuro. — E então me viro. Como poderia explicar tudo aquilo? Ele com certeza não entenderia.

De costas, ouço ele balbuciar:

— Por causa de uma cobertura?

Mas ele não vem atrás de mim. Depois de cem metros, quando me viro, ele ainda está parado na frente do edifício, com os braços pendentes. Então, tira o maço do bolso, acende outro cigarro e olha para mim. Eu aceno mais uma vez, como quando se está bem longe, com um movimento longo e circular que termina acima da cabeça, o que de certa forma parece deselegante e sedutor ao mesmo tempo.

Engraçado, estou me sentindo quase eufórica. Dessa vez, consegui resistir, e isso vai valer a pena. Às vezes, é necessário desistir de algo bom para ganhar outra coisa ainda melhor: um homem para toda a vida. Precisei rir agora, acho que fui longe demais. Digamos que seja um homem para os próximos anos, talvez até para os próximos dez anos. Se for para toda a vida, ótimo. A partir de agora, estou determinada a encontrar esse homem. Sem distrações, sem casinhos de uma noite ou algumas semanas. A partir de hoje, o negócio é sério.

E, para que a minha missão seja completada com êxito, apresento um sacrifício ao Deus do Amor: esse homem lindo que deixei antes de terminar a noite. Sr. Martini ou se já lá qual for o seu nome.

“Pescoço de cisne, pescoço de cisne...”, as palavras ecoam apaixonadamente na noite.

Só o melhor prêmio vale a pena.

Para saber mais acesse,

www.europenet.com.br/loucapracasar

